

Getúlio Vargas, dramaturgo: o político e a construção da personagem^{*}

Getúlio Vargas, playwright: the politician and the construction of the character

Marcus Vinicius de Freitas^{**}

Resumo: Este trabalho discute o *Diário* de Getúlio Vargas, procurando focar as suas estruturas discursivas, tais como o uso dos tempo verbais ou da pontuação, e também dando ênfase às digressões metanarrativas, nas quais o autor constrói e dirige um específico pacto de leitura, que leva em consideração a existência de um leitor virtual para o *Diário*. O artigo ressalta ainda que a análise desses processos narrativos constitui um mecanismo importante de compreensão da consciência representacional de Vargas, o que pode servir como modelo de análise sobre o comportamento político do presidente.

Palavras-chave: Vargas. História. Autobiografia. Diário. Personagem.

Abstract: This article aims at analyzing Getúlio Vargas's *Diary*, focusing on its discursive structures, such as the use of verbal tenses and punctuation. The article also emphasizes the importance of the meta-narrative digressions in which the author constructs a sort of reading agreement that takes into consideration a virtual reader for the *Diary*. The analysis of these narratives processes can lead us to a better understanding of Vargas's political attitude.

Keywords: Vargas. History. Autobiography. Diary. Character.

Introdução

Em 18 de março de 1939, Getúlio Vargas escreveu em seu *Diário* que havia saído, após o almoço, para uma pequena caminhada juntamente com um de seus empregados pessoais. A situação, absolutamente banal, era corriqueira na vida do então presidente, e o *Diário* está repleto desse tipo de informação sem qualquer importância. Entretanto, alguém mais fazia parte

^{*} Este trabalho integra o projeto de pesquisa "O escritor e seu ofício", financiado pela bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

^{**} Professor Titular de Teoria da Literatura na Universidade Federal de Minas Gerais. UFMG/CNPq. <marcus@letras.ufmg.br >.

do grupo naquele dia: o escritor André Carrazoni, que planejava escrever um livro sobre Vargas e estava em busca de mais informações. O presidente aceitou o pedido e, mais tarde, expressou no texto daquele dia um intrigante comentário: “Prestei-lhe alguns esclarecimentos e disse-lhe que gosto mais de ser interpretado do que de me explicar” (VARGAS, 1995, p. 209).

Celina Vargas do Amaral Peixoto, neta de Getúlio e editora do *Diário*, diz que a frase, um convite à interpretação, foi uma das motivações que ela teve para publicar o conjunto de textos. Da mesma maneira, a editora enfatiza o estilo livre no qual Vargas teria escrito os pequenos textos, cheios de trechos confessionais. Devo discordar de Celina Vargas. Neste artigo procuro mostrar que não há qualquer sentido confessional nos textos do *Diário*, e que se faz necessária a construção de uma estratégia de leitura para desvendar minimamente a personagem que ali escreve sem, entretanto, se mostrar. A própria Celina reconhece a necessidade de uma estratégia de leitura quando afirma: “Li, reli e convenci-me, nas entrelinhas, de que, uma vez que Getúlio não gostava de se explicar, caberia a um público maior interpretá-lo” (VARGAS, G., 1995, p. 8).

A frase de Getúlio sobre o gosto de ser interpretado poderia ser lida de pelo menos dois pontos de vista básicos, quais sejam, o público e o privado: como sendo a concepção de um homem sobre si mesmo ou, ao contrário, como o pensamento de um homem público, um presidente da república considerando a influência de suas atitudes e a consequência de seus atos sobre os outros indivíduos e sobre o país. Em vez de focar apenas um ou outro desses pontos de vista, prefiro discutir os elos que os ligam e que estão implícitos na própria frase: como homem público ou privado, Vargas costumava trabalhar na construção de uma *persona*, a qual, hoje ainda, demanda interpretação. Como um romancista ou um dramaturgo, Vargas criou uma personagem. Mas ao contrário do dramaturgo, que constrói diferentes caracteres ficcionais a fim de representar papéis sociais, Vargas trabalhou sobre uma única matéria, ele mesmo. E sua personagem não era ficcional, mas real.

As personagens teatrais quase nunca se explicam, apenas agem. A ação, no teatro, dirigida pelo desejo do autor, explica por si mesma as motivações das personagens. Há sempre um autor por trás de cada uma das ações dessas personagens, ainda que a magia seja vê-las agir como autônomas. Em outras palavras, o dramaturgo manipula a ação de forma a controlar a recepção do público, procurando dirigir a interpretação da assistência. Obviamente, esse círculo comunicacional possui falhas, fraturas de sentido, uma vez que o leitor

pode ler as intenções do autor de maneiras muito variadas e, às vezes, até em sentido contrário à intenção original.

Com base nessas ideias, podemos ver Getúlio Vargas como um autor por trás de sua própria personagem, procurando a todo custo controlar a leitura que seus contemporâneos e que o futuro fariam de si. A mais clara evidência desse tipo de comportamento pode ser vista na carta-testamento de 1954. Ali, o sentido de história de Getúlio e a sua autoconsciência de ser uma personagem estão explícitos: “Eu lhes dei minha vida. Agora lhes ofereço minha morte [...] deixo a vida para entrar na história.” Comentando a passagem, Thomas Skidmore (1986, p. 142) capta com precisão o sentido de encenação presente naquelas frases: “The letter left little doubt how the President’s suicide was to be interpreted.”

Se nos dirigimos ao *Diário* de Vargas, podemos ver em ação o férreo desejo do autor de controlar a imagem provocada pela sua personagem na mente dos leitores. Podemos igualmente captar a contradição de fundo entre, por um lado, a personagem afirmando que um diário deveria ser sempre um assunto privado e, por outro, o autor jogando para o público e para a História. Esse paradoxo pode ser visto, entre várias outras estratégias de escrita, no uso dos tempos verbais, como veremos mais à frente.

Para analisar, através da linguagem, a distância e os elos de ligação entre autor e personagem dentro do *Diário* de Vargas, e ao mesmo tempo tomar este jogo como uma imagem do presidente e de sua carreira, seria importante focalizar as reflexões metanarrativas, ou seja, aqueles momentos em que o narrador abandona o fio narrativo para refletir sobre o próprio mecanismo da narração. Cito, a princípio, apenas um dos muitos exemplos importantes, que se apresenta logo na abertura do *Diário*:

3 de outubro de 1930

Se todas as pessoas anotassem diariamente num caderno seus juízos, pensamentos, motivos de ação e as principais ocorrências em foram parte, muitos a quem um destino singular impediu *poderiam igualar as maravilhosas fantasias descritas nos livros de aventuras dos escritores da mais rica fantasia imaginativa. O aparente prosaísmo da vida real é bem mais interessante do que parece.* Lembrei que se anotasse diariamente, com lealdade e sinceridade, os fatos de minha vida, *como quem escreve apenas para si mesmo e não para o público,* teria aí um largo repositório de fatos a examinar e uma lição contínua de experiência a consultar.

Lembrei-me disso hoje, dia da Revolução. Todas as providências tomadas, todas as ligações feitas. Deve ser para hoje às cinco horas da tarde [...] *às quatro da tarde terminei esta nota. Quatro e meia. Aproxima-se a hora.* (03-10-30, grifos meus).

Impressiona ver o modo pelo qual o autor se trai através da voz aparentemente inocente da personagem. Primeiramente, a vida real é vista como possuidora de certa falsa aparência, atrás da qual deveríamos buscar a verdadeira essência. Ao mesmo tempo, esse jogo entre essência e aparência equivale às fantasias maravilhosas dos livros de aventura e imaginação. Dessa forma, quem escreve um diário torna-se um ficcionista: “[...] muitos a quem o destino impediu poderiam igualar as maravilhosas fantasias [...]” Parece claro que Vargas vê a si mesmo nesse papel de inventor. Em outras palavras, um diário possui a mesma força imaginativa da ficção, e os limites entre realidade e invenção não se apresentam claramente definidos.

Em segundo lugar, há uma impressionante contradição entre o presumível uso privado do diário e a consciência sobre os futuros atos de leitura. De fato, todo diário é baseado nessa contradição. O diário se constitui, enquanto forma, numa espécie de escrita às escondidas, na qual, entretanto, o virtual leitor está sempre presente. Uma vez mais, Celina Vargas do Amaral Peixoto intui essa tensão dentro do texto de Getúlio, ao descrever o gênero dos diários: “Os diários se caracterizam também pela ambiguidade. Escritos buscando a cumplicidade do segredo, denunciam um desejo latente de serem revelados” (VARGAS, 1995, p. 9).

Se comparamos, naquele trecho acima citado, os três verbos usados no tempo passado, podemos inferir muitas conclusões sobre a consciência narrativa de Vargas. Duas vezes o narrador usa a forma lembrei, relacionada a eventos do dia. Até aí, do ponto de vista dos leitores, tudo parece absolutamente normal: os eventos passados são narrados a partir do tempo presente do narrador-personagem. Entretanto, se nos dirigimos à terceira ocorrência de verbo no passado, terminei, podemos concluir que o sujeito da oração não é a personagem, mas o próprio autor falando com o leitor em um possível futuro: “[...] às quatro da tarde terminei esta nota. Quatro e meia. Aproxima-se a hora.” O homem que expressa essa frase não é o mesmo que estava vivendo a situação, uma vez que é obviamente impossível terminar a narração às 4h e continuar com a narrativa para além das 4h30. Aqui fala o **autor**, o qual toma a perspectiva do leitor no futuro. Essa estrutura discursiva funciona

como se o autor estivesse dizendo: *naquele momento, no passado, caro leitor, eu havia terminado a anotação*. O tempo passado, na frase “terminei esta nota...”, relaciona-se com o tempo presente do leitor, e não com o presente da personagem. Esse tipo de procedimento constitui o que se chama, em teoria da narrativa, de **consciência autoral**. O autor constrói seu trabalho tendo em mente a presença de um leitor, e narra para produzir um certo efeito sobre aquele mesmo leitor.

Assim como na abertura, a passagem final do *Diário* revela o mesmo tipo de atitude:

Aqui chegando, *tracei* estas linhas dando por encerradas as anotações. Para que continuá-las após tão longa interrupção? (09-27-42).

Podemos então seguir a mesma linha de observação que propus anteriormente. Se houvesse uma relação necessária entre os tempos de escrita e de leitura, o narrador diria, possivelmente, “traço aqui estas linhas e dou por encerradas as anotações”. O narrador, entretanto, diz *tracei*, e sua fala deixa entrever atrás de si o autor, sempre consciente de que toda narrativa constitui uma construção.

Se olhamos para a vida pública de Vargas tendo essas ideias em mente, percebemos que o presidente sempre considerou sua carreira um passo em direção à História, que seria em última análise o seu verdadeiro palco, sua eterna audiência.

Podemos então tomar como hipótese o fato de que muitos são os elos entre os momentos cruciais da vida de Vargas (e da vida do Brasil na era Vargas) e este processo, ao mesmo tempo público e privado, da construção de uma personagem histórica.

A partir dessa perspectiva, parece importante pesquisar as relações entre história e construção discursiva no *Diário* de Vargas, enfocando sobretudo os processos narrativos, e tentar relacionar esses elos com os principais momentos da carreira de Vargas e do Brasil pós-1930.

O estatuto do diário

Se um leitor ingênuo, com pouca informação sobre a era Vargas, ler o *Diário*, poderá concluir erroneamente que Vargas detestava o poder, abominava

a tarefa de ser presidente da República e odiava o cerimonial da presidência. De fato, o *Diário* se apresenta absolutamente repleto das mais enfadonhas descrições do cotidiano administrativo, com páginas e páginas sem qualquer senso de humor. Nenhum comentário pessoal, nenhum envolvimento emocional, mesmo se o assunto em tela fosse por si mesmo emocionante, tal como a II Grande Guerra, ou muito importante na vida do país, assim como a Revolução Constitucionalista de 1932 ou a Intentona Comunista de 1935. Eis aqui alguns exemplos do maçante estilo corrente:

Dias 14 a 16 (Junho, 1935)

Não ocorreram fatos de maior importância, a não ser a situação política dos estados não constitucionalizados, que me obrigam a atender constantes solicitações.

No último dia fui a Petrópolis assistir à exposição, que percorri e examinei, indo depois almoçar com vários outros conhecidos na casa da sogra do Dr. Raul Braga de Azevedo, um dos expositores. Depois saí com o engenheiro Fiúza, a fazer um passeio...

.x.x.x.x.x.x.

Dia 3 (Dezembro, 1937)

Primeiro despacho com o Ministro da Viação, que expôs os planos para a execução de vários assuntos sobre os quais havíamos conversado.

Após as audiências, fui ao Teatro Municipal assistir à colação de grau dos novos bacharéis da Escola de Direito, entre os quais estava a minha Alzira.

Pela manhã, eu assinara o decreto dissolvendo os partidos e a Ação Integralista. Houve desgosto e inquietação entre estes. Não tive, porém, o propósito de hostilizá-los. Foi um ato de governo necessário.

.x.x.x.x.x.x.

Dia 23 (Agosto, 1938)

Despacho com os Ministros da Agricultura e do Exterior, e audiências. Nada de importante. Volto ao Guanabara e trabalho até tarde da noite.

.x.x.x.x.x.x.x.

Dia 11 (Janeiro, 1939)

Despachos com a Fazenda, Trabalho, Prefeitura e Banco do Brasil, audiências e regresso ao Guanabara.

Antes do jantar, recebi o Lulu Aranha, que me veio falar sobre a disputa da Copa Roca e outros assuntos, e depois do jantar, o Ministro da Fazenda, com quem assentamos a organização do Plano Quinquenal. Despachei todo um volumoso expediente.

.x.x.x.x.x.x.x.

Dia 22 (Fevereiro, 1942)

Golf, chuva.

Que tipo de diário é esse? Repito uma vez mais que esse estilo percorre todo o texto. Oitenta por cento do *Diário* possui essa aparente apatia discursiva. Chove ou o presidente foi ao golfe? Foi ele visitar a sogra de um conhecido? Mas que importa tudo isso? Mesmo quando o assunto se reveste de grande importância, seja para a vida pública ou privada, dificilmente capta-se qualquer envolvimento por parte do autor, seja intelectual ou emocional.

Podemos tomar como exemplo o texto de 3 de dezembro de 1937. Há dois eventos muito importantes nesse dia. Primeiramente, a formatura de sua filha Alzira Vargas do Amaral Peixoto, que ocupou o cargo de Oficial de Gabinete entre 1938 e 1945. Desde 1932, ela havia se tornado arquivista e secretária pessoal do pai. Não há erro em dizer que, além de ser sua filha, Alzira transformara-se em sua amiga íntima. Poderíamos esperar alguma emoção natural de pai diante da formatura da filha. Nada, porém, a não ser a palavra minha, que poderia sugerir algum sentimento pessoal.

Em seu livro, intitulado *Getúlio Vargas, meu pai*, Alzirinha cria um quadro no qual os dois aparecem como sendo grandes e íntimos amigos desde a adolescência da filha:

Eram duas horas da tarde e Papai dormia sua sesta. Fiquei sozinha dentro de casa. Não estava com vontade de ler, não podia sair e não queria dormir. Resolvi bisbilhotar. *Num quarto de depósito, do qual só ele e eu tínhamos a chave*, encontrei um baú velho, caindo aos pedaços, com tampa solta. (PEIXOTO, 1960, p. 13, grifos meus).

Entretanto, apesar do grande número de vezes em que o nome de Alzira Vargas aparece no *Diário*, não há qualquer diálogo entre os dois que seja mencionado, não há a descrição de uma conversa, nenhum dos pensamentos da filha é usado ou mesmo lembrado pelo pai.

Se comparamos a descrição feita por Alzira Vargas do falhado golpe integralista de 1938 com a descrição da mesma cena feita por Getúlio, tamanha diferença aparece que nos levaria quase a pensar que se tratam de episódios diferentes. Alzira Vargas despende 25 páginas descrevendo a “épica noite” em que ela comandou a resistência no palácio ao lado do pai, o qual fulgura na cena como um “verdadeiro herói”. Vargas, por seu lado, descreve o episódio em meia página e sem qualquer nota pessoal.

Voltando ao texto de 3 de dezembro de 1937, chamo a atenção para o segundo evento importante daquele dia, qual seja, a assinatura do decreto oficial suspendendo a existência legal dos partidos políticos. Depois do discurso de 10 de novembro, o qual havia imposto o golpe político, a assinatura do decreto de 3 de dezembro foi o mais importante ato na consolidação da ditadura do Estado Novo. Trata-se de um evento que mudou totalmente o cenário político. Entretanto, Vargas o descreve como sendo um ato de rotina. Nenhuma dúvida, nenhum arrependimento, nenhuma demonstração de confiança, nenhuma esperança.

Em 16 de junho de 1935, após um série de informações sem qualquer relevância, o autor termina a seção de escrita informando que saiu naquele dia para caminhar com seu amigo Fiúza. Várias vezes no *Diário* aparece essa caminhada com o Fiúza, seguida em geral de reticências. Em mais de uma ocasião o texto sugere que as caminhadas com o prefeito de Petrópolis constituem capa para encontros amorosos do presidente com prostitutas ou amantes. Vargas comenta no *Diário* esses relacionamentos, referenciando apenas de passagem aqueles com prostitutas, mas sendo muitas vezes detalhado em relação aos encontros com as amantes. Fiúza, o prefeito de Petrópolis, é exatamente quem o traz para casa depois de um dos encontros com a “bem-amada”, personagem que passa a ocupar a vida do presidente a partir de fins de 1937 e a quem se referem as mais pessoais observações encontradas no *Diário*. Essa interpretação sobre as caminhadas com o Fiúza se torna possível especialmente se virmos as passagens no conjunto de suas ocorrências. A marca textual das reticências vale ali como metáfora do homem reticente que foi Vargas.

Essa atitude evasiva constitui um dos motivos pelos quais falei anteriormente em “aparente” apatia narrativa. Penso que, mesmo em seu diário, um texto necessariamente íntimo, Vargas continua atuando como um ator que representa uma personagem. A presença de um leitor virtual é o que demanda o uso das reticências. A pontuação, no caso, ao mesmo tempo esconde e revela

a personagem. Colocadas ali para esconder uma informação, as reticências ressaltam exatamente o que era importante esconder. O diário caracteriza-se por ser um gênero literário ambíguo, dominado por um jogo de revelar e esconder. Uma vez mais fica clara a necessidade de desenvolver uma estratégia de leitura para que possamos apreender o sentido do *Diário* de Vargas.

Em outra passagem, podemos ver o mesmo uso ambíguo das reticências:

Estes dias foram pontuados de fatos interessantes. No primeiro, casei-me... religiosamente. (12-11-34).

Somente a presença de um leitor virtual pode justificar aquela pontuação. O autor está criando uma espécie de suspense, logo desfeito pela palavra religiosamente. Assim como o uso dos tempos verbais, o uso da pontuação evidencia igualmente o papel desempenhado pela figura do leitor no *Diário*.

Vimos anteriormente alguns exemplos da distância entre os tempos da escrita e da leitura, enquanto signos característicos da presença do leitor virtual, distância esta expressa pelo uso do tempo verbal. Entretanto, esses são signos indiretos, derivados da consciência autoral sobre a distância entre escrita e leitura, o que se traduz em consciência narrativa. Podemos, porém, ver o uso do tempo verbal conformando diretamente o processo de leitura:

Este caderno não é a descrição do que fiz como governo. Isso se encontra nos documentos oficiais. É uma anotação pessoal, feita no dia seguinte, do que se passou no anterior, ou antes, daquilo que minha memória reteve. Eis porque *não se encontrará* aqui nenhum balanço dos trabalhos do ano, não há aqui espaço nem tempo para fazê-lo. (01-01-36, grifos meus).

Temos aí o que se pode chamar de **pacto de leitura**. O autor está explanando sobre o modo como o texto deve ser lido. Ele ao mesmo tempo determina o *status* textual e direciona as expectativas do leitor. O verbo encontrar, colocado no futuro, encontrará, dispõe com clareza um diálogo do autor com o leitor, uma vez que o autor obviamente sabe sobre o que fala o seu próprio texto e não necessitaria dessa explicação, caso fosse ele o único leitor.

Não importa saber se Vargas queria ou não publicar o *Diário*. Podemos de fato afirmar que seu propósito claramente assumido era o de nunca deixar que o texto viesse à luz. Apesar dessa evidência, podemos igualmente

afirmar que ele escrevia como quem atuava com consciência em relação tanto ao público seu contemporâneo como em relação à história do Brasil. Suas estratégias de escrita estão entre as melhores evidências de seu comportamento.

A psicologia da personagem

Em 14 de março de 1936, Vargas transcreve uma conversa com seu filho Lutero que se reveste de grande importância para a análise que venho propondo:

À noite, conversava com meu filho Lutero sobre a preocupação filosófica nos últimos anos de minha vida de estudante, a ânsia de encontrar na ciência ou na filosofia uma fórmula explicativa da vida e do mundo. Falou-me dos vestígios que ele encontrava dessa preocupação nos livros da minha biblioteca que ele estava percorrendo e nas anotações encontradas. No conceito que eu lhe repetia, e que ele encontrara nessas anotações ou referências, estava, como aplicação da teoria darwiniana, que vencer não é esmagar ou abater pela força todos os obstáculos que encontramos – vencer é adaptar-se. Como tivesse dúvidas sobre a aplicação da fórmula, expliquei-lhe: adaptar-se não é o conformismo, o servilismo ou a humilhação; *adaptar-se quer dizer tomar a coloração do ambiente* para melhor lutar. (14-03-1936, grifos meus).

Temos na passagem uma acabada filosofia tanto da representação como de governo: vencer é adaptar-se, e adaptar-se é imitar o ambiente, tomando de empréstimo as suas cores. Vargas propõe aqui um modo de vida (“uma fórmula explicativa da vida”) que constitui, antes de tudo, uma teoria mimética. Para vencer, o ser humano deve, como o camaleão, imitar o ambiente. Mas o mimetismo define igualmente a ação do ator. Mais do que tudo, ali está disposta uma teoria política: como um camaleão imitando o ambiente, ou como um ator construindo uma personagem, o político somente sobrevive fingindo, representando a si mesmo em função do ambiente.

Importa igualmente o fato de que a metáfora sobre a sobrevivência política vem do campo semântico do evolucionismo de Darwin. A partir desse ponto de vista, poderíamos ver a teoria desenvolvimentista da administração de Vargas como sendo uma forma mimética retirada do evolucionismo. As atitudes de Vargas em relação a tópicos variados, tais como as relações

internacionais, a política interna ou a divisão do poder, entre outros, podem ganhar novas dimensões se lidas a partir dessa perspectiva darwinista.

Vargas era perfeitamente consciente de que suas ações públicas funcionavam enquanto encenação, uma vez que a adaptação ao ambiente depende necessariamente dessa capacidade mimética, o que podemos ver nesta passagem exemplar:

O dia 3 do corrente, aniversário da Revolução, não teve qualquer festividade. Parece até que passou esquecido. Observei-o com amargura. Apenas, nesse dia, tivemos a corrida de automóveis. Foi um espetáculo empolgante: grande multidão, pista difícil, corrida arriscada, alguns acidentes, vários que desistiram da prova em meio. Por fim, venceu um brasileiro. Como é forte o sentimento nacional! Junto a mim estava o embaixador argentino e algumas senhoras. Guardando a atitude de compostura exterior, eu intimamente sentia-me comovido, com medo até de que me saltassem lágrimas se vencesse um estrangeiro. *E eu mesmo me analisava, tomado daquela emoção estranha que procurava reprimir. Ninguém percebeu.*

Os adversários tentam nova perturbação da ordem. Avisos do Flores, Barata, confirmados pelos ministros da Justiça e da Guerra ... (10-03-34, grifos meus).

Getúlio, o ator, revela-se ali consciente sobre a diferença entre a atitude externa e os sentimentos íntimos. Trata-se não somente de um sentimento de timidez, ou mesmo de respeito pela posição de presidente, mas igualmente de um controle intencional sobre sua imagem pública, para além do limite da autorrepressão. Ou seja, para Vargas a questão fundamental não se centra no modo como ele próprio se sente ou não, mas no modo como o público o vê. O período termina com um claro elogio à própria performance: “Ninguém percebeu.”

Igualmente importante é a sentença “E eu mesmo me analisava”, pois revela um dos mais importantes procedimentos de representação. O ator deve manter suficiente distância em relação à personagem, a fim de poder analisar o seu próprio desempenho. Em função dessa autoanálise o ator modifica, adapta, ajusta a personagem, com o intuito de alcançar uma concordância entre as características dessa personagem e uma dada situação particular. O ator Vargas funciona ali também como um dramaturgo construindo o seu próprio *script*.

Depois daquele pequeno momento de autoanálise, sobre a psicologia de sua personagem, Vargas volta ao padrão regular de seu texto, caracterizado pela informação seca, telegráfica.

Quando evita falar de improviso, Getúlio revela possuir também clara consciência sobre sua condição de personagem. O presidente populista, que se colocava em relação direta com o público, cuidava carinhosamente de cada uma de suas falas públicas, e sentia-se constrangido quando devia falar sem a devida preparação:

Às 11 horas, solene *Te Deum* na Igreja da Matriz. Às 14 horas, visita à Corte de Relação e à Escola Normal. Saudado nas duas últimas, sou forçado a responder de momento, o que para mim não é fácil. (02-23-31).

O *Diário* está repleto dessa ordem de considerações. Pode-se objetar que todo político populista age dessa maneira, o que não acarretaria então qualquer traço distintivo para a figura de Getúlio Vargas. Entretanto, diferentemente de um Jânio Quadros ou de um Luiz Inácio Lula da Silva, Vargas não era um falante compulsivo ou um caráter histriônico, tais como Lula ou Jânio. Vargas era um mudo, o que acaba por ser também parte de sua performance. Algumas de suas observações sobre Osvaldo Aranha deixam entrever essa atenção varguista ao silêncio:

[...] recebo a visita de Osvaldo Aranha, emocionado, abatido e revoltado. Um temperamento complexo, vário, tempestuoso e apaixonado, mas sincero, mesmo nas suas infidelidades intelectuais. (02-29-32).

.x.x.x.x.x.x.

O Dr. Osvaldo Aranha compareceu ao Tribunal Eleitoral para alistar-se, e fez, nessa ocasião, declarações muito derramadas. (10-25-32).

Osvaldo Aranha era ao mesmo tempo uma sombra e um *alter ego* de Vargas. O ministro era como que o reverso necessário do presidente. No *Diário*, Aranha com certeza é uma das mais citadas personagens. Getúlio e seu parceiro brigaram um com o outro durante mais de 15 anos. Aranha o fez sempre abertamente, Vargas em surdina. Seria possível seguir o desenvolvimento do Estado Novo através dos altos e baixos desse relacionamento. Getúlio odiava o comportamento passional de Osvaldo Aranha. O controle que ele, Vargas, possui sobre esse seu sentimento (aliás um dos poucos facilmente captáveis no *Diário*) revela uma vez mais o caráter de ator do presidente.

Reflexões metanarrativas

Venho propondo que o presidente, na escrita de seu texto, tinha em mente um leitor virtual e que esse leitor seria, no limite, a própria História. Em função desse leitor virtual, o escritor do *Diário* está sempre em busca de dirigir o processo de leitura. Uma das mais interessantes evidências desse procedimento se desvela nas digressões metanarrativas – aqueles momentos, como já dito anteriormente, em que o narrador interrompe sua narração para comentar o próprio desenrolar da narrativa. Há várias seções no *Diário* dedicadas a essas reflexões. Trago aqui apenas dois exemplos:

Anotei apenas isso. No entanto, ocorreu tanta coisa durante o dia e à noite que enriqueceria estas páginas e foi posta de lado. Não há tempo para escrever tudo o que ocorreu no dia anterior. Valerá a pena continuar estas anotações? Terão algum valor lançadas, assim, apressadas, apressadamente, sem forma, palidamente, truncadas, defeituosas, abrangendo superficialmente apenas alguns fatos? (09-18-34).

.x.x.x.x.x.x.x.

Essas anotações são apenas rápidos registros mnemônicos, coisas que ficam em bloco na minha recordação de um dia para o outro. Às vezes esqueço-as, não só pelo tempo que decorre, outras porque, para mim mesmo, perdem o interesse. Alguns pensamentos ou ideias a realizar, não só guardo segredo para os outros como, por uma defesa natural e inconsciente, para mim mesmo, esquecendo-os ou relegando-os para o momento oportuno. Quando este chega e ocorre o fato, já se tornaram triviais. O interessante seria registrá-los antes... (10-25-34)

A questão colocada por Getúlio sobre a validade ou não dos cadernos de diário percorre todo o texto. Chamo a atenção para o fato de que indagações dessa natureza colocam sempre o problema do tempo, da existência de um futuro no qual o *Diário* seria possivelmente lido. Todo diário é uma luta contra a morte. Preocupando-se com o processo narrativo, Vargas está se preocupando com o julgamento da História, e por isto ele concebe o seu testemunho como sendo um diálogo com o futuro. Tenta ler em seu próprio texto as mensagens desse futuro, e tenta, sobretudo, antecipar-se aos acontecimentos, o que fica claro na frase final do segundo trecho acima: “O interessante seria registrá-los antes...” A carta-testamento foi o exemplo maior desse comportamento característico de Vargas.

As digressões metanarrativas constituem também, como já procurei mostrar, um dos lugares em que o autor propõe ao leitor o pacto de leitura. Tentando controlar esse pacto, Vargas revela sua filosofia de dramaturgo. Autor teatral, ator, camaleão, mímico: todas estas são imagens de um político que dominava as estratégias de representação, e que pode ser visto como um imagem exemplar da ambiguidade inerente à cultura política brasileira.

Procurei dar uma visão geral do caráter de representação da figura de Getúlio Vargas, tal qual ele mesmo deixa entrever em seu *Diário*. Seria importante, a partir daqui, fazer as conexões estruturais entre essa perspectiva de leitura e os eventos concretos da era Vargas, como forma de seguir testando a validade da hipótese. Seria uma outra forma de abordar um momento histórico tão importante para o país e para a instauração de um tipo de cultura política na cena brasileira que permanece forte entre nós.

Referências

SKIDMORE, Thomas E. **Politics in Brazil**. New York: Oxford University Press, 1986.

VARGAS, Getúlio. **Diário**. Edição e introdução de Celina Vargas do Amaral Peixoto. Rio de Janeiro: FGV; São Paulo: Siciliano, 1995. 2 v. (Obs.: as citações retiradas dessa obra aparecem no corpo do artigo com indicação das datas do *Diário* entre parênteses.)

PEIXOTO, Alzira Vargas do Amaral. **Getúlio Vargas, meu pai**. Porto Alegre: Globo, 1960.

Recebido para publicação em 19 ago. 2011.

Aceito para publicação em 17out. 2011.